

Para a análise marxista da crise

*In God we trust.
The rest pay cash.*

JOÃO QUARTIM DE MORAES*

Não seríamos sinceros se disséssemos que dos meios privados de comunicação social ou dos economistas do capital esperávamos explicações de fundo sobre a bancarrota de Wall Street. Pagos, em geral, para defender a ordem do capital e jogar poeira nos olhos do leitor ou ouvinte ingênuo, eles no melhor dos casos enfatizam fatores óbvios (desregulamentação dos mercados, operações de alto risco, gestão temerária etc.), omitindo que o fator mais evidente desse colapso descomunal é o “paradigma neoliberal”, que em sua estulta e míope euforia os ideólogos da contra-revolução capitalista de 1989-1991 erigiram em “fim da história”. Alguns, excedendo-se em zelo, vislumbram na alta do dólar na periferia do sistema imperialista a prova de que o “colosso do Norte”, como dizem carinhosamente, continua impávido. Outros, mais insolentes, continuam emitindo conselhos para o mundo, como se nada tivessem a ver com o desastre do sistema econômico de que são serviçais.

Ao desabar, os centros financeiros do imperialismo estadunidense expõem suas imensas cloacas, em que chafurdaram megaladrões (que os “poodles” mediáticos chamam “megainvestidores” ou “gestores de fundos”), como mister Bernard Madoff, que desviou em benefício próprio entre 50 e 100 bilhões de dólares. No Brasil, os primeiros efeitos perversos do “estouro da bolha imobiliária” envolveram cinco grandes trustes. Três deles, Aracruz, Sadia e Votorantim, foram pegos com a mão na cumbuca da jogatina financeira.¹ Os donos dos outros dois trustes

* Professor de Filosofia da Unicamp.

1 O dono do truste Votorantim é o milionário A. Ermírio de Moraes, cuja arrogante suficiência costuma importunar nossa paciência com acacias lições de moral à nação, amplamente difundidas, muitas

(ambos subtraídos ao Estado brasileiro pelos vendilhões do patrimônio industrial nacional), o milionário Steinbruch, que se apoderou do complexo siderúrgico de Volta Redonda, e o patrão de choque Roger Agnelli, testa-de-ferro da Vale do Rio Doce, procederam a demissões em massa, fazendo os operários brasileiros pagar a crise provocada pelos financistas estadunidenses. Agnelli foi mais longe. Aproveitando o tumulto econômico, exerceu as pressões que pôde na tentativa de mudar a legislação para confiscar (“flexibilizar”, no léxico neoliberal) direitos trabalhistas.

O que o marxismo nos oferece para explicar a catástrofe financeira de 2008, comparável à de 1929? Antes de mais nada, a descoberta decisiva de que as crises estão inscritas nas próprias condições objetivas da reprodução ampliada das relações capitalistas. Suas manifestações mais simples, analisadas no Livro II de *O capital*, correspondem ou a descompassos na reposição dos meios de produção ou à superacumulação de mercadorias. Mas justamente por serem historicamente condicionadas, as crises assumiram maiores proporções com o desenvolvimento da grande indústria e a importância crescente do sistema de crédito. À medida que o comando do capital-dinheiro (D) foi sendo transferido em escala crescente para os banqueiros, ampliou-se a esfera de investimento do capital portador de juro (D-D', com D' > D), mas ampliaram-se também, nas mesmas proporções, os efeitos das crises bancárias.

Na quinta parte do Livro III de *O capital* (capítulos 21 a 33), em que analisa (a) a divisão do lucro em juro e lucro de empresa e (b) o capital portador de juro, Marx aponta na fórmula D-D', dinheiro produzindo dinheiro, valor valorizando a si próprio, a expressão mais exterior, mais fetichizada, das relações capitalistas. O juro, que objetivamente é uma parte da mais-valia extorquida ao operário no processo produtivo (P): D-P-D', se apresenta como fruto direto do capital-dinheiro, que teria a capacidade misteriosa de frutificar seu próprio valor, independentemente da reprodução. Essa forma mais brutal da mistificação capitalista oculta a fonte da qual o juro bombeia a riqueza: a divisão da mais-valia em juros, que remuneram os proprietários do capital financeiro, e em lucro de empresa, que remunera o capital produtivo.²

vezes em “matérias de capa” por jornais, revistas e magazines especialistas em bajulação. Algumas das admoestações recorrentes do “mais importante empresário do país” (cf. a capa de *Isto É Dinheiro*, n.480, 29 nov. 2006), por exemplo, “Falta seriedade!” ou “Deixem a indústria trabalhar”, prestam-se, à luz turva da crise, a edificantes ironias: “Falta seriedade à Votorantim”; “Deixem a indústria trabalhar e os patrões especular”.

- 2 Marx estudou esse complexo de processos no Livro III de *O capital* e nas *Teorias sobre a mais-valia*. Numa de suas mais notáveis análises da forma mistificada D-D', observa que no conceito de capital “permanece ainda a lembrança do que ele foi no passado, embora por causa da diferença existente entre lucro e mais-valia, por causa da uniformidade do lucro de todos os capitais – a taxa geral de lucro –, o capital já esteja muito obscurecido e se torna... um mistério. No capital portador de juros esse fetichismo automático se completa: é o valor que se valoriza ele próprio, o dinheiro que fabrica dinheiro e, sob essa forma, ele já não mais mostra a menor cicatriz que revele seu nascimento. A relação social atingiu sua forma perfeita de relação da coisa (dinheiro, mercadoria) a ela mesma”. Cf. *Théories plus value*, tomo III. Paris: Éditions Sociales, 1978, p.537-8.

Quando a concentração da produção encontrou sua forma jurídica adequada nas sociedades por ações, consolidou-se a separação entre a propriedade do capital e o comando do processo produtivo, transformado em administração de capital alheio. A possibilidade de negociar ações nas Bolsas, ao lado dos demais papéis em circulação (obrigações, títulos do Estado etc.) aprofundou essa separação, que no início do século XX já havia assumido as dimensões assinaladas por Lenin:

O imperialismo é uma imensa acumulação de capital-dinheiro num pequeno número de países ... Daí o extraordinário desenvolvimento da classe ou, mais exatamente, da camada dos que vivem de rendas financeiras (*rentiers*) ..., totalmente alheios à participação numa empresa qualquer e cuja profissão é a ociosidade. A exportação de capitais, uma das bases econômicas essenciais do imperialismo ... confere uma chancela de parasitismo ao conjunto do país vivendo da exploração do trabalho de alguns países e colônias d'além-mar.³

A expansão do parasitismo financeiro foi contida, por um longo período, pela correlação internacional de forças instaurada pela revolução socialista de outubro 1917 e mais ainda pelo equilíbrio político-estratégico resultante da vitória soviética sobre o nazismo, que permitiu à classe operária dos Estados capitalistas conquistar os direitos sociais consubstanciados no chamado “Welfare State”. Essas conquistas foram, entretanto, postas em questão, no centro hegemônico do capitalismo internacional, pela reação ultraliberal, a partir de 1979 (Margaret Thatcher na Inglaterra) e de 1980 (Ronald Reagan na sede do imperialismo), que promoveu o retrocesso à situação social da “Belle Époque”. A derrocada soviética de 1989-1991 facilitou a destruição do “Welfare State” e a “desregulamentação” generalizada dos movimentos do capital especulativo⁴ abriu caminho para a funesta proliferação de títulos cada vez mais fictícios nas mãos dos morcegos hematófagos sedentos para sugar seu quinhão de juros na massa da mais-valia.

Exatamente porque todas as crises estão direta ou indiretamente ligadas à produção da riqueza social, é tautológica a afirmação, reiterada por certos marxistas mais apegados à letra do que ao espírito da teoria, de que a causa das crises está sempre na esfera produtiva. Com certeza, as hipotecas podres, a especulação desenfreada, as “alavancagens” mirabolantes são epifenômenos da crise de superacumulação crônica do capital. Mas o método marxista consiste em explicar os

3 Lenin. *Oeuvres*. Paris-Moscú, tomo 22, p.298. No capítulo VIII de *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*: “O parasitismo e a putrefação do capitalismo”.

4 Vale notar que a primeira grande “desregulamentação” remonta à ruptura dos acordos de Bretton Woods, no início dos anos 1970, que levou os países capitalistas dominantes a adotar o regime de câmbio flutuante. A principal consequência foi a busca de instrumentos financeiros suscetíveis de contrabalançar mudanças na taxa de câmbio e em outras variáveis afetando o cálculo de rentabilidade do “big business”. Daí o surgimento dos “derivativos financeiros”: instrumentos de negociação para liquidação futura cujos preços são determinados em relação a ativos financeiros (geralmente negociados no mercado à vista), ditos ativos subjacentes, dos quais eles “derivam”.

fenômenos e não em desconsiderá-los. O potencialmente pujante desenvolvimento das forças produtivas já estava freado pelos limites que as relações capitalistas impõem à reprodução ampliada do processo produtivo. As novas prestidigitacões para contornar esses limites, fazendo dinheiro gerar dinheiro, configuraram uma desenfreada fuga para a frente, que estirou as cordas da lucratividade até a bancarrota financeira detonada pela falência do banco Lehman Brothers. A crise internacional do crédito, que repercutiu imediatamente na esfera da produção, foi uma conseqüência da orgia financeira neoliberal.

O apelo aos fundos públicos para limitar os efeitos da grande bancarrota nos põe diante das questões decisivas sobre o novo curso do capitalismo internacional. Sem dúvida, Bush e consortes só violaram seu fundamentalismo mercadológico porque foram forçados pelos fatos. Mas ao pretenderem salvar o mercado negando as leis do mercado, demonstraram na prática que, contrariamente ao credo do catecismo neoliberal, o movimento do capital não tende à auto-regulação, e sim à crise e ao bloqueio das forças produtivas. Pouco serve arriscar palpites sobre as possibilidades objetivas de reativação do neoliberalismo, mesmo porque o volume do passivo dos bancos e de outras instituições financeiras pode ser muito superior ao trilhão de dólares já reconhecidos no início de 2009. Opinamos apenas que muito dificilmente o capitalismo financeiro estadunidense recuperará sua até então incontestável predominância. Abre-se, pois, um período de lutas multiformes e de alto risco para a humanidade, pois elas se travarão sob o horizonte sombrio das guerras imperialistas de recolonização do planeta, cada vez mais terríveis, a julgar pelas atrocidades do facho-sionismo no genocídio do povo de Gaza.*

* Artigo entregue para publicação em 12 de janeiro de 2009, no momento em que estava em curso a operação de extermínio desencadeada, a partir do fim de dezembro de 2008, pelo Estado de Israel, contra o povo palestino na Faixa de Gaza.